

3.

O papel social do G.R.E.S. Portela em Madureira como potencialidade para sustentabilidades socioculturais

As escolas de samba são uma das formas mais importantes de manifestação da cultura carioca. Nos seus espaços de existência pudemos observar, como exposto anteriormente, o contexto do samba e o contexto do carnaval. Isso permite observar as agremiações sob dois pontos de vista diferentes: um relacionado ao espetáculo, dentro de uma concepção modernizante e que foi e vai se transformando ao longo do tempo e outro relacionado às práticas sociais e espaciais que vão estar vinculadas à vivência e a laços comunitários presentes nas agremiações. Tais perspectivas pressupõem duas racionalidades para as agremiações: uma econômico-funcional e outra emocional-simbólica, que vão mostrar diferentes concepções sobre as escolas de samba.

Nesse sentido, é importante discutir o papel das escolas de samba como instrumentos de promoção de sustentabilidades sociais, culturais, políticas e institucionais, pois as agremiações são instituições potenciais para promoverem ações que podem beneficiar uma grande parcela da comunidade a ela identificada. Como coloca Silva (2007), “essa potência é uma possibilidade ainda virtual não concretizada, mas possível de ser estimulada por ações diversas” (p. 250).

A discussão da sustentabilidade em relação às escolas de samba e, em particular, à Portela, terá como enfoque uma racionalidade que não está vinculada à lógica dominante na sociedade atual que visa, em primeiro lugar, os aspectos econômicos e funcionais, e até mesmo na visibilidade que é dada às agremiações pela maior parte da mídia, como promotoras do ‘maior espetáculo da Terra’. Todavia não é possível descartar essa racionalidade, já que é através dela que as agremiações conseguem se manter economicamente.

Como mostra Moraes (2010),

numa sociedade que é regida pelo modelo técnico-desenvolvimentista de modernidade que se apropria de práticas tradicionais, uma crise de valores identitários pode ser observada por inúmeros moradores da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e também nos bairros suburbanos de nossa cidade (p. 110).

Essa crise pode ser percebida nas escolas de samba pela forma como têm sido concebidas: hegemonicamente a agremiação “boa” é aquela que ganha o carnaval carioca, fazendo com que a lógica principal de visibilidade das agremiações seja aquela voltada para uma competitividade.

Guimarães (2008) compreende o processo modernizante dominante ao qual as escolas de samba estão submetidas, como um processo de mudanças no qual determinada sociedade supera através do progresso as ‘estruturas tradicionais’, criando novas formas de produção de consumo e de se comunicar. Ainda, para o mesmo autor,

“essas mudanças, constituídas nos diferentes espaços urbano e rural, direcionam-se para a formação das sociedades modernas, mercadologizadas tanto em escala regional, quanto em escalas nacional e global, impulsionadas por um modelo desenvolvimentista” (p.84).

Nesse contexto de qualidade baseado nas novas técnicas que geram o “progresso”, as escolas de samba devem ser entendidas, por um viés duplo, ou seja, sob uma racionalidade econômica e outra que não é funcional chamada por Leff (2006) de ambiental. Por sua vez, essa racionalidade vai ser construída a partir de quatro esferas de entendimento (substantiva, teórica, instrumental e cultural); nesta última pode-se ampliar o entendimento do papel da Portela no conjunto das escolas de samba do Rio de Janeiro.

Para Leff (2006), o entendimento cultural é aquele cuja singularidade e diversidade nas significações das expressões culturais não se submetem aos valores hegemônicos.

Segundo o mesmo autor, observar as agremiações, a partir da consideração das práticas sociais que elas estabelecem do seu espaço de representação, onde as relações simbólica e afetiva vão ser construídas através da vivência, do pertencimento e enraizamento do ser humano nos lugares, é fugir da concepção dominante de que as escolas de samba são apenas produtoras de espetáculos.

A construção dessa racionalidade aparece no horizonte de uma sustentabilidade orientada pelos princípios da complexidade, diversidade, diferença e alteridade e implica em uma nova percepção dos processos de

produção teórica da reinvenção tecnológica, das mudanças institucionais e suas consequentes transformações sociais.

Com base no que foi exposto, é possível buscar dois discursos diferentes em relação à sustentabilidade das e nas escolas de samba: uma que segue uma racionalidade econômica-funcional e outra relacionada à qualidade de vida, às práticas sociais e à dimensão simbólica, fazendo com que as agremiações sejam entidades híbridas e fundantes da percepção das escolas de samba como representantes da cultura popular carioca e brasileira.

3.1.

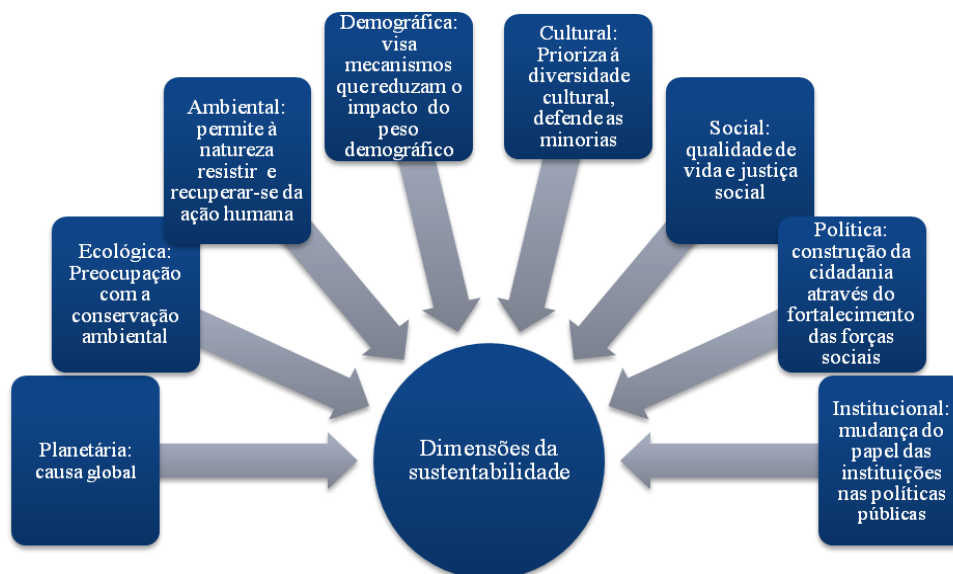
Pela sustentabilidade das escolas de samba do Rio de Janeiro: o caso da Portela

Moya (2009) afirma que o conceito de sustentabilidade tem consolidado sua autonomia intelectual, transcendendo os limites de suas origens que estão enraizados na problemática ambiental. Tal ampliação tem enriquecido o seu significado com outros conteúdos de enfoques variados. Como mostra o mesmo autor, a reflexão geográfica é importante para o estudo e compreensão dos processos de sustentabilidade.

Para Acserald (2009), a sustentabilidade é uma noção que se pode recorrer para tornar objetivas diferentes representações e ideias, apesar da imprecisão da sua noção. Rua (2007) nos mostra que a ideia de sustentabilidade está inacabada e necessita continuar a ser transformada, em um movimento no qual cada sociedade deve estabelecer os seus parâmetros, a partir das suas relações com a natureza. Já para Guimarães (1997), a sustentabilidade é multidimensional, pois apesar do desenvolvimento sustentável parecer plenamente justificável e legítimo, a sua aceitação generalizada tem se caracterizado por uma postura acrítica e alienada em relação a dinâmicas sociopolíticas concretas. Para que tal proposta não represente apenas um “enverdecimento” do estilo atual cujo conteúdo se esgotaria retoricamente ‘impõe-se examinar as contradições ideológicas, sociais e institucionais do próprio discurso sobre o termo, bem como analisar distintas dimensões da sustentabilidade” (GUIMARÃES, 1997, p. 17). A contribuição de Guimarães supera a discussão da sustentabilidade a partir do senso comum, que não leva em conta as diferentes dimensões da sociedade. Com isso, esse autor

contribui com diferentes dimensões da sustentabilidade, como podem ser observadas na sistematização elaborada no organograma a seguir:

Organograma 14: Dimensões da Sustentabilidade



Fonte: Elaborado pelo autor, 2012. Adaptado do texto de Guimarães (1997)

A importância das dimensões propostas por Guimarães (1997) se relaciona ao processo de não homogeneização, pois que assume diferentes dimensões, que podem abarcar situações diversas. O papel que a Portela tem através das suas potencialidades como escola de samba estabelece práticas sociais, que podem levar a diferentes dimensões de sustentabilidade, afetando a qualidade de vida, em múltiplas escalas.

Acserald (1999) fala sobre o projeto homogeneizador do ambientalismo, afirmando que o ponto de partida para a planificação deve focar “a manutenção da biosociodiversidade como patrimônios dos espaços locais” (p.63-65) englobando ambiente, economia, historicidade, espacialidade, sociabilidade, cultura e política. Um projeto que tenha como meta as sustentabilidades deve articular, simultaneamente, as dimensões geoambiental, político-institucional, logística, étnico-cultural e dos recursos humanos.

Os agentes promotores de tal sustentabilidade podem ser associados a duas classes: público e privado. No setor público deve ser mencionada a Prefeitura da

cidade do Rio de Janeiro que, através de subvenções dadas pela Rio-Tur, ajuda a financiar o carnaval das agremiações. Outro aspecto importante é que também faz parte do compromisso da Prefeitura para realização dos desfiles, são os reparos e possíveis obras para reestruturar o Sambódromo antes do período carnavalesco.

A Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA) é um agente privado que participa da organização e estruturação do carnaval carioca. A LIESA foi fundada no mesmo ano do sambódromo: 1984. A LIESA pretendia dar às escolas de samba uma administração mais empresarial, com o objetivo de conseguir barganhar subvenções maiores com a Prefeitura, melhores negociações com as emissoras de TV e publicidade no Sambódromo. O primeiro presidente da Liga das Escolas de Samba foi Castor de Andrade (ex-presidente de honra da Mocidade Independente de Padre Miguel), portanto, não é possível separar essa entidade do poder dos banqueiros de bicho que são patronos de grande parte das agremiações do Rio de Janeiro. O papel da LIESA, além das subvenções, é organizar e negociar melhores contratos com entes públicos e privados para as agremiações.

Os ‘banqueiros de bicho’ são outra fonte de renda das agremiações para conseguirem suporte financeiro. As contribuições de bicheiros para as escolas de samba não são recentes no universo do carnaval carioca. De acordo com Cavalcanti (2008), “as escolas colhiam contribuições em seus bairros, fazendo circular o ‘livro de ouro’ e os bicheiros já estavam entre os colaboradores das mesmas, junto com pequenos comerciantes locais (p.45). Os ‘banqueiros de bicho’ têm papel de presidentes de honra das agremiações e a aceitação deles como mecenas nas escolas não se deve somente ao financiamento dos desfiles, mas, como ressaltou Joãozinho Trinta, ex-carnavalesco da Beija-Flor, citado por Bezerra (2009) “a contribuição do jogo do bicho se torna muito importante pela sua capacidade de organização e articulação entre as escolas e outros segmentos da sociedade, e também com o poder público”. Não vou discutir nesse trabalho a relação do mecenato do bicho com as agremiações, porém merece destaque o papel deles nas escolas de samba, pois como sambeiros eles foram aceitos pelos sambistas e, “tomaram” a administração das agremiações daqueles que eram ligados, diretamente, ao contexto do samba, pois o suporte financeiro passou a ser muito importante para a existência das próprias agremiações.

Outra fonte privada de arrecadação de recursos são os enredos patrocinados, que são a adaptação de uma escola a realidade mercantil de patrocinadores diversos. Essa prática, aliás, tem sido cada vez mais utilizada pelas agremiações como podemos perceber em enredos que homenageiam cidades ou qualquer outra personalidade, além de produtos que faça a agremiação angariar recursos.

Sob essa ótica modernizante, as escolas de samba, buscam mais recursos que possam suprir a finalidade das agremiações, pelo menos no contexto do carnaval: a realização de espetáculos cada vez mais grandiosos para vencerem o desfile. Assim sendo, há uma perspectiva material das agremiações, já que elas são vistas como objeto de consumo. Todavia, essa perspectiva não pode ser descartada, já que a própria existência delas está diretamente vinculada ao aspecto financeiro e econômico, e sua importância se dá cada vez mais por esse perfil de “fomentadoras de recursos”.

Nesse caso, a perspectiva de sobrevivência das escolas de samba é a racionalidade econômico-instrumental, deixando-se em segundo plano, valores simbólicos, afetivos e emocionais. Como coloca Moraes (2010)

diante do discurso da modernidade, a ciência pautada numa racionalidade utilitarista, é definida pela ótica do mercado. Conhecer passou a significar apropriação, dominação e ou apropriação dos saberes tradicionais, integrando tradição e modernidade, com a tendência inexorável de centralizar conhecimentos e manipulá-los (p. 114).

Observamos uma padronização cada vez maior das escolas de samba, através de um projeto que acaba as homogeneizando no que se refere ao contexto do carnaval, fazendo com que muitos não percebam que essas agremiações são espaços relacionados ao universo simbólico voltados para valores relacionados ao vivido e ao percebido. Nesse sentido, a semântica dos símbolos deve ser valorizada para a promoção de laços comunitários, pois esses símbolos têm o papel de comunicar e unir por meio de representações comuns. Observar a escola de samba como lugar, nesse caso a Portela, é sair de uma esfera funcional e observar a agremiação com lentes de quem faz parte dos seus movimentos sutis, tem vínculos sentimentais e emocionais com a agremiação e com o bairro de

Madureira. Guimarães (2008) colabora com a visão de que há funcionalidade na sustentabilidade ambiental com a seguinte afirmativa:

(...) está presente a compreensão mecanicista de uma realidade constituída pela causalidade linear (causa tem efeito imediato e vice-versa), que informa e é informada por uma racionalidade que instrumentaliza o controle (dominação) de uma realidade, até então social e não socioambiental como agora se propõe. Aqui se apresenta a ideia de referencial único a seguir (modelo), em que o desenvolvimento como efeito é causado a partir da realização do modelo visto como padrão civilizatório real (real no sentido de verdade validada pelo cientificismo) (p. 89).

Outra noção proposta sob essa perspectiva é a idealizada por Acserald (2009), para quem esse tipo de sustentabilidade é ligada à categoria patrimônio, que se refere não somente à materialidade das cidades, mas ao seu caráter a identidades, valores e heranças construídas ao longo do tempo. Para ele, na perspectiva de fazer durar a existência simbólica de sítios construídos ou sítios materiais significados, eventualmente ‘naturalizados’, “pode inscrever-se tanto em estratégias de fortalecimento de sentimento de pertencimento dos habitantes em suas cidades como promoção de uma imagem que marque as mesmas, por ser patrimônio biofísico, estético ou cultural em sentido amplo” (p. 61).

Diante desse contexto, o GRES Portela pode ser pensado como patrimônio cultural não só do bairro suburbano de Madureira, mas do Rio de Janeiro e também do Brasil. Essa importante agremiação, não somente do carnaval carioca, mas do samba, merece ser analisada em relação às suas práticas culturais. Uma dessas práticas está relacionada a um dos principais símbolos da Portela: a sua Velha Guarda.

Durante todo o primeiro sábado de cada mês é realizado no Portelão, o “Pagode da Família Portelense, evento que reúne e envolve toda comunidade da escola, além de convidados da própria Velha Guarda. Este é, com certeza, um dos momentos mais esperados por todos aqueles que torcem pela Azul e Branco de Madureira, pois vai mostrar uma prática socioespacial muito importante para o contexto do samba, que é o samba de roda, quadra ou terreiro. A roda de samba pode ser afirmada como a própria sustentabilidade de uma manifestação cultural que antecede o próprio samba. Moura (2004) mostra que:

se o samba e os sambistas interagiam com outros meios, influenciando e sendo influenciados, e não havia rádio e nem escola de samba, parece lícito concluir que o milagre deve-se à roda – através do já tantas vezes descrito fenômeno da transmissão oral (p. 32).

A relevância dessa abordagem é que as escolas de samba aceitam se submeter às regras institucionais, porém a roda é formada através de um movimento espontâneo, em que sambistas se reúnem para tocar samba e de onde também muitos sambas saíram, como podemos perceber, das rodas de samba de partido alto. Voltando ao Pagode da Família Portelense, a realização desse evento surgiu por iniciativa dos próprios portelenses e não da escola de samba. A Portela somente cedeu o espaço, porém todos os custos para realização, a princípio, foram de integrantes da agremiação. Um dos objetivos, além de congregar membros da Portela, foi resgatar os chamados samba de quadra ou de terreiro, que perdeu espaço nas agremiações para os sambas-enredo, e resgatar uma tradição do samba que estava se perdendo. Nas agremiações, as rodas são o próprio retrato do paradoxo entre o mundo do samba e o mundo do carnaval, e mais uma vez podemos perceber isso na afirmação de Moura (2004) de que, “a roda é amadora em sua essência e o que cria tem originalmente apenas valor de uso” (p.34). Ao situar a roda entre as matrizes do samba, o que se pretende afirmar são outros tipos de música (maxixe, lundu, polca) cujas raízes estéticas, geraram a sua origem física. Dentro desse contexto, as quadras podem ser vistas, como mostra Leff (2006):

como o habitat, pois nesse sentido é o lugar em que se constrói e se define a territorialidade de uma cultura, a espacialidade de uma sociedade e de uma civilização, onde se constituem os sujeitos sociais que projetam o espaço geográfico apropriando-se dele, habitando-o com suas significações e práticas, com seus sentidos e sensibilidades, com seus gostos e seus prazeres (p. 283).

A prática social da roda de samba reforça os laços simbólicos, através do afetivo e do vivido. Assim, os sambas realizados pela Velha Guarda, seja no Portelão ou na Portelinha²⁶, resgatam para o interior da Portela, uma importante manifestação cultural, que congrega todos os sambistas e sambeiros, integrantes ou não da agremiação, pois, como afirma Muniz Sodré (2002), a partir de uma

²⁶ A roda numa interpretação sociológica, é na visão de Muniz Sodré um lugar paralelo, onde o samba pode ainda constituir-se numa prática de resistência cultural negro-popular. Não devemos esquecer, porém, que muitos sambistas e conjuntos importantes surgiram a partir das rodas de samba, como foi o caso de Almir Guineto, Zeca Pagodinho, Dudu Nobre, Arlindo Cruz, Sombriinha e o Grupo Fundo de Quintal.

interpretação sociológica, das rodas, estas são *lugares paralelos* onde o samba pode ainda constituir-se numa prática de resistência cultural negro-popular. Moura (2004) mostra que a roda apresenta três intersecções diferentes: “ela é o limite entre o sambista e o simpatizante, a fronteira que separa cada vez mais abertamente o samba da escola e, finalmente, o fio da navalha que une e separa autor do mercado²⁷” (p. 41).

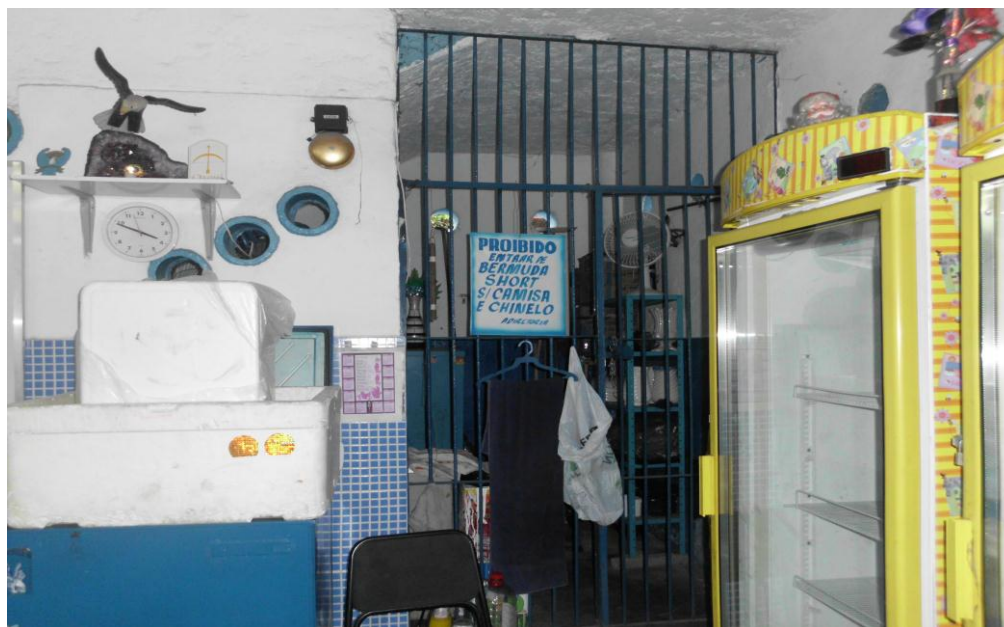
As rodas de samba promovidas pela Velha Guarda na Portelinha buscam resgatar valores e costumes³ que se tornaram uma tradição portelense, como o estar sempre bem vestido, nas cores azul e branco da roupa devem ser predominantes.

A importância das rodas de samba é que elas valorizam os sambas e pagodes promovidos por esses tradicionais integrantes da Portela que não tem a mesma visibilidade que as apresentações da Velha Guarda Show da agremiação de Madureira. Geralmente, os frequentadores são aqueles que vivenciam o dia a dia da Portela e, assim participam do que os próprios integrantes da Velha Guarda valorizam: de um ambiente familiar.

É possível observar na antiga quadra da agremiação, um espaço que procura conservar aquilo que é chamado de “tradição portelense”, que pode ser observado na própria decoração do ambiente e também pelo fato de esse espaço ser administrado pela Velha Guarda, ou seja, pelos guardiães da escola de samba. (GIDDENS, 1997)

²⁷ É importante frisar aqui, a diferença entre as expressões tradição e costume. Segundo Giddens 1997, p. 56), a qualidade característica da tradição, que a separa do costume ou do hábito e também do conhecimento técnico ou especializado, é o fato de ela pressupor uma ideia de verdade ritual ou revelada - e esse traço definidor também é de origem de sua autoridade. Aquilo que é consagrado nas tradições não é o passado, mas a sabedoria que incorporam. Essa sabedoria pode ou não ser funcionalmente eficiente ou tecnicamente precisa; essas características não a particularizam como tradicional. A verdade ritual é mostrada em seu estatuto, na repetição da fórmula prática.

Figura 18: A Quadra da Portelinha, 26/03/2012



Fonte: Arquivo pessoal, 2012

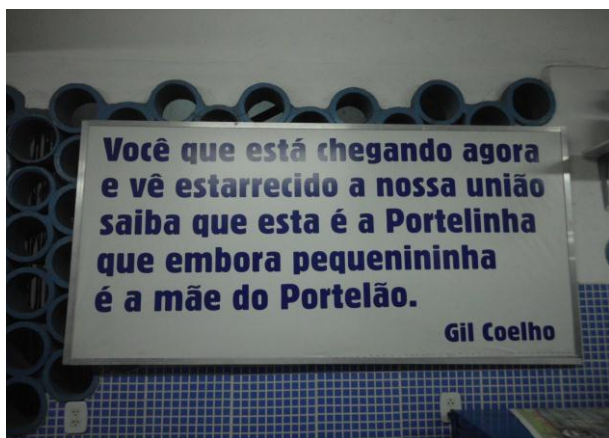
Figura 19: Oxóssi e Oxum, orixás protetores da Portela, 26/03/2012



Fonte: A

A imagem nº 19 mostra o padroeiro da Portela, Oxóssi (São Sebastião) e a madrinha Oxum (Nossa Senhora da Conceição), que, segundo Araújo (2007) foi o próprio Paulo da Portela o responsável pelo batismo, realizado por uma mãe de santo conhecida como D. Martinha” (p.5).

Figura 20: A Portelinha, 26/03/2012



Fonte: Arquivo pessoal, 2012

Figura 21: Roda na Portelinha, 26/03/2012



Fonte: Arquivo pessoal, 2012

A importância das imagens é mostrar a relevante forma de promoção de sustentabilidade, que é o de conservar tradições que estão relacionadas ao mundo do samba. Aqui a estratégia de promoção de sustentabilidade é a manutenção de um patrimônio, fora de uma racionalidade econômica e, de acordo com uma racionalidade simbólica e subjetiva, em um contexto de uma geo-referencialidade que, como mostra Leff (2011), “é a necessidade de enraizar a sustentabilidade em condições locais” (p. 332).

A noção de habitat de Leff (2006) ao afirmar que a quadra é o lugar onde se assenta o verbo ‘habitar’; é o espaço onde se desenvolve as atividades (produtivas, culturais, estéticas) e afetivas do ser humano; nesse sentido, o habitat humano é bem mais outra coisa que o meio biológico. Diante do espaço anônimo gerado pela massificação de presenças sem identidade e sem sentido, “o habitat habitado” é o lugar significado por experiências subjetivas, lugar de vivências construídas como matéria da vida. Assim sendo, a quadra da Portela é um lugar-território onde a sustentabilidade se enraíza através de identidades culturais e um

espaço social onde os atores exercem seu poder para potencializar sinergias geradas por processos sincrônicos e diacrônicos.

A quadra da Portela pode ser observada como um espaço híbrido, onde teremos a mistura do imaterial com o material e também de diferentes intencionalidades (Santos, 2001) que vão marcar a Portela como agremiação.

A partir do que foi exposto em relação à Velha Guarda e, especificamente, aos eventos promovidos é possível perceber as escolas de samba inseridas em um contexto diferente, ou melhor, sob uma racionalidade que não privilegia apenas o econômico e instrumental, mas como espaço plural de onde emergem sustentabilidades distintas, de acordo com o propósito de quem comanda e gesta a agremiação.

3.2.

Os Projetos Sociais realizados pela Portela

Quando falamos sobre escolas de samba, a primeira imagem que vem a mente das pessoas são os desfiles realizados por elas. Após o carnaval, o senso comum crê que as atividades realizadas pelas agremiações desaparecem e só retornam quando os enredos das escolas de samba estão prontos. As escolas de samba, porém, funcionam, durante todo o ano como parte da indústria do entretenimento. Nesse funcionamento há os projetos sociais realizados por elas, que vão ser importantes referências para comunidade da qual elas emergem.

Esses projetos são realizados de forma complementar ao Estado em atividades relacionadas à educação e saúde, criando possibilidades àqueles componentes que fazem parte desses projetos a participar de atividades relacionadas ao próprio universo das agremiações.

Um aspecto importante segundo Maia (2009), é que as escolas de samba são “beneficiadas por políticas de incentivo à cultura, que não visam somente à disseminação da cultura por toda população, mas também beneficiam empresas que apóiam esse tipo de evento, através da isenção de tributos” (p. 4).

As escolas de samba divulgam, por meio da imprensa, suas políticas sociais e projetos desenvolvidos em suas quadras com o objetivo de obter o

reconhecimento do grupo social que lhes dá sustentação e também retorno financeiro advindo de potenciais patrocinadores interessados em apoiar os seus projetos. Para isso, esses atores devem desenvolver uma estratégia de marketing que identifique, atraia e mantenha patrocínios rentáveis para a sustentabilidade econômica da agremiação. É possível perceber uma dupla intenção, pois, ao mesmo tempo em que as escolas de samba apresentam mais uma preocupação social, se utilizam dos seus projetos para captação de recursos que também vão ajudar na realização do desfile.

As escolas de samba são pela própria centralidade e visibilidade que possuem uma excelente oportunidade de investimento por parte de patrocinadores públicos e privados para o desenvolvimento de projetos sociais, e essa cooperação dá visibilidade à própria empresa participante da realização dos projetos realizados pelas agremiações.

Há, portanto, interferência do poder público nas escolas de samba, já que através de leis, estimula-se às empresas o patrocínio de agremiações tanto para a confecção dos desfiles quanto para os projetos sociais realizados pelas mesmas. Podemos citar neste caso a Lei Rouanet (nº 8313 de 23/12/1991), que permite a redução de imposto de renda pago pela empresa ou pessoa física patrocinadora. A Lei Estadual de Cultura (3555 de 29/12/2001) que oferece incentivo fiscal com abatimento de 2% do ICMS e a Lei Municipal de Incentivo à Cultura da cidade do Rio de Janeiro (6498 de 29/12/1993), que determina que as empresas investidoras abatam até 20% do ISS devido, se o dinheiro for investido em projetos culturais.

Essas leis estimularam e motivam empresas privadas e públicas a investir nas escolas de samba e também fez com que as próprias agremiações buscassem desenvolver projetos e enredos como forma de captação de recursos para sobrevivência das mesmas enquanto instituições de caráter simbólico e cultural.

A partir do que foi exposto, é possível observar as agremiações como um meio de criar sustentabilidades, nesse caso, como mostra Guimarães (1997), uma sustentabilidade social, onde o objetivo principal vai estar relacionado à qualidade de vida.

Segundo a própria Liga Independente das Escolas de Samba - LIESA (2009) uma escola de samba é um empreendimento na área de cultura, sem fins lucrativos, que presta serviço de resgate e preservação da identidade cultural das comunidades envolvidas. Não visa o lucro e sim em resultados de sua atuação na área cultural. As grandes escolas de samba vendem sua imagem como um produto de responsabilidade social e investimento cultural, já que não visam o lucro e seus resultados estão ligados à sua atuação na área cultural.

Oliveira e Gomes (2005) observam que as escolas de samba, por força do estatuto social, são criadas sob a forma de associação sem fins lucrativos, de caráter sociocultural. Assim, toda sua arrecadação é revertida na produção do carnaval e investimentos em processos sociais, culturais, educacionais e de saúde, na comunidade em que ela está inserida. Com isso, podemos perceber que os projetos sociais realizados pelas escolas de samba não visam um público específico: os moradores do bairro onde a agremiação se localiza a escola, assim como o seu entorno.

Muitos dos projetos sociais das escolas de samba são voltados para o esporte ou então para as escolas de samba mirins. Há, porém, algumas iniciativas sociais importantes que estão sendo realizadas, como é o caso dos projetos que buscam formar profissionais especializados para “indústria do samba”, como é o caso dos aderecistas, costureiros, profissionais que trabalham com escultura de isopor, enfim, todas as atividades diretamente relacionadas ao contexto do carnaval. A formação desses profissionais também é considerada projeto social pela agremiação, porque ela está capacitando pessoas que vão estar diretamente relacionadas à produção do espetáculo, tornando-se uma alternativa de emprego.

O principal projeto social realizado pela Portela recebe o nome ‘Gente Que Samba é Feliz’. Esse projeto tem o patrocínio da Petrobras e faz parte daquilo que a agremiação denomina como afirmou a Diretora de Projetos Sociais da Portela, Val Carvalho (Primeira-Dama da escola) a responsabilidade social da agremiação.

Esse projeto da Portela tem como objetivo entrelaçar os laços da comunidade com a agremiação e também investir e transformar a Portela em um

pólo irradiador de projetos culturais, sociais e esportivos, visando tornar a Portela um organismo social capaz de encaminhar e dignificar a comunidade da escola.

Figura 22: Portela e Responsabilidade Social



Fonte: www.gresportela.com.br. Acessado em:

O projeto, 'Gente Que samba É Feliz', contempla crianças e jovens até 18 anos, em diversas atividades, porém, como vamos observar mais adiante a maior parte das atividades relacionadas estão vinculadas às manifestações artísticas e profissionais que são sustentáveis para as práticas sociais realizadas pela escola de samba. Todas essas atividades ocorrem na quadra da escola, o Portelão, e com horários na parte da manhã, à tarde e à noite.

No organograma a seguir, vamos observar as diferentes atividades que são oferecidas pela Portela em diferentes eixos.

Organograma 15: Eixos de atividades do projeto 'Gente Que Samba É Feliz'



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de entrevistas realizadas na escola, 2012

Observa-se no organograma 15 que parte das atividades do projeto social tem por finalidade formar pessoas e profissionais que possam fazer parte do mundo do carnaval, como é o caso dos ritmistas, jovens e crianças são treinados para fazer parte da bateria da agremiação, também como as passistas e também dos mestres-sala e das porta-bandeiras²⁸. Quanto aos demais profissionais, há aderecistas, peruqueiros, costureiras, que vão ser mão de obra para o trabalho na ‘Cidade do Samba’²⁹ confeccionando alegorias, adereços e fantasias para o desfile da agremiação no Sambódromo.

Figura 23: A ‘Cidade do Samba’



Fonte: sonhodecarnaval.blogspot.com. Acessado em, 06/06/2012

²⁸ Gonçalves (2007) coloca que o casal de mestre-sala e porta-bandeira são ligados organicamente a escola, porque carregam o seu maior símbolo. Há, porém, uma especificidade na carreira desses dois integrantes das escolas de samba que é a articulação entre o papel pessoal e o ofício. Como mostra a autora há um descontentamento muito grande por parte dos casais antigos da relação atual dos casais de mestre-sala e porta-bandeira e as agremiações, pois boa parte deles não dançam nas escolas de samba pelos laços afetivos e, sim por contratos, por isso, a mudança de escola é muito comum. A própria porta-bandeira da Portela, Lucinha Nobre tem algumas exigências para fazer parte da agremiação, que é escolher o seu parceiro, o mestre-sala Rogerinho.

²⁹ A ‘Cidade do Samba’ foi construída através de parceria entre a Prefeitura do Rio de Janeiro e a Liga Independente das Escolas de Samba e está situada na zona portuária da metrópole carioca. Na ‘Cidade do Samba’ estão instalados os ‘barracões’ das agremiações, local onde são construídos os carros alegóricos, além de fantasias e adereços. Além das atividades relacionadas aos desfiles, também há a realização de shows e outras apresentações ligadas ao samba e as escolas de samba (www.cidadedosambarj.globo.com.br. Acessado em junho de 2012)

Quanto aos cursos de informática, há uma parceria da Portela com a Fundação de Apoio a Escola Técnica (FAETEC³⁰), que está vinculada a Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia, do Governo do Estado do Rio de Janeiro. A parceria entre a Portela e a FAETEC, visa atender à comunidade local com educação técnica e gratuita, e objetiva formar profissionais na área técnica. A parceria está vinculada ao projeto ‘Gente Que Samba É Feliz’. Os cursos serão realizados na quadra da agremiação, em salas que estão sendo adaptadas para essa finalidade, oferecendo cursos gratuitos de informática para a comunidade local.

As atividades esportivas visam preencher o tempo ocioso e desenvolver a sociabilidade e as relações interpessoais. No discurso da representante da agremiação, a prática esportiva permite oferecer uma alternativa para o exercício da cidadania aos jovens que fazem parte da comunidade. Como a maior parte dos projetos sociais que são voltados para segmentos sociais marcados com o estigma ‘carente’, há um discurso dominante escutado muitas vezes nas pesquisas de campo realizadas na agremiação, que as ações sociais devem retirar a maior parte dos jovens da ociosidade, afastando-os das drogas. Esse, aliás, é um dos discursos mais utilizados na busca por patrocínios para realização de projetos sociais na agremiação. De qualquer forma, a escola de samba como instituição procura, através de suas iniciativas na área social, melhorar a qualidade de vida da população local, já que ela tem um papel agregador no local onde se encontra.

³⁰ A Fundação de Apoio a Escola Técnica (FAETEC) foi criada em 10 de junho de 1997 e reúne várias escolas técnicas do Estado do Rio de Janeiro. Trabalha primordialmente com a educação técnica, mas também com ensino superior. (Fonte: www.faetec.rj.gov.br. Acessado em 06/06/2012)

Figura 24: Logotipo do projeto social da Portela



Fonte: www.gresportela.com.br. Acessado em: 20/04/2012

É interessante, observar que as escolas de samba (a Portela) pelo seu poder de agregação de pessoas, grupos e sociedades diversas podem ser usadas politicamente, pelas suas potencialidades, como promotoras de melhorias da qualidade de vida da comunidade do seu entorno. Levando-se em consideração a concepção de Castoriadis (1982) sobre as instituições, a Portela preenche funções vitais, no contexto social que se insere, se apresentando como uma instituição indivisível da realidade econômico-funcional do lugar, e assim, Madureira se torna “um lugar a mais” com a presença da agremiação azul e branca.

Tal representação da Portela em Madureira expressada anteriormente é reforçada pelo mesmo autor, (1982), de que tudo o que se apresenta no mundo social-histórico está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico. As instituições não se reduzem no simbólico, mas só podem existir no simbólico. Uma organização, portanto, existe socialmente como sistema simbólico sancionado. Ela consiste em ligar símbolos (o significante) com os seus significados (representações, ordens, jurisdições) e, nesse contexto, a Portela se institucionaliza em Madureira.

Outro projeto muito importante realizado pelas agremiações são as Escolas de Samba Mirins. A Portela tem sua escola de samba mirim, que é conhecida

como Filhos da Águia. Chagas (2002) afirma que as escolas de samba mirins são “um exemplo claro da força inventiva e transformadora da comunidade” (p. 17), à medida que apresenta para as crianças uma alternativa digna, corajosa e criativa, em contraposição ao caminho do tráfico de drogas. As escolas de samba de crianças operam com a memória social, estimulam a criatividade e a valorização de saberes e fazeres relacionados à tradição popular. As agremiações mirins, às quais pertencem, são vistas como um patrimônio cultural das escolas, já que são consideradas a ‘sustentabilidade da própria agremiação’, pois são a transmissão do conhecimento entre os integrantes da agremiação através da via oral e da memória. As crianças e adolescentes participam ativamente da vida da escola de samba e, como foi observado nos trabalhos de campo realizados, as crianças e adolescentes que participam dessas agremiações mirins têm espaço próprio, participando dos desfiles carnavalescos, nas alas das crianças, das escolas de mestre-sala e porta-bandeira e nas baterias, trazendo para elas uma perspectiva de profissionalização e a própria renovação das escolas. Na Portela, os integrantes da ‘Filhos da Águia’ estão inseridos nos projetos sociais da agremiação, como foi indicado nas entrevistas de campo, têm, como principal objetivo, a promoção da cidadania e a revitalização do sentido de comunidade. É importante ressaltar, que os integrantes da escola de samba mirim da Portela têm a maior parte dos seus componentes oriundos de Oswaldo Cruz e Madureira, portanto, contempla os laços comunitários de vizinhança, sendo poucos os integrantes de outras porções da cidade. Outro papel importante das escolas de samba é que elas suprem uma carência das áreas suburbanas da cidade, pois nessas regiões da metrópole carioca, há uma grande ausência de espaços de lazer e equipamentos culturais. Nesse sentido, as agremiações são importantes porque suprem uma carência de espaços de lazer de grande parte de crianças e adolescentes que vivenciam a Portela.

Com o que foi exposto, é possível afirmar que a Portela pode ser considerada uma importante instituição que promove sustentabilidade nos espaços de convivência, sob diversas dimensões, como as que se referem à qualidade de vida cultural e material dos seus componentes, mantendo tradições a partir de práticas sociais e culturais constantemente lembradas e divulgadas nos espaços da agremiação. Além disso, é uma entidade política, no que se refere a práticas sociais voltadas para construção da cidadania através de projetos de inclusão

social para os portelenses, sendo que essa inclusão se deve ao próprio samba, devido à visibilidade que as agremiações têm na metrópole carioca.